

O AMOR EM SEGUNDO PLANO

Por Lucimar Mutarelli

Anotações durante a leitura de Anna Kariênina

Liev Tolstói

Cosac Naify – 2009

Eu sempre tive medo de ler Tolstói.

Ficava assustada com as resenhas e comentários e, claro, a quantidade de páginas. Fiquei feliz quando percebi que Anna Kariênina era uma novela. Uma história de amor com começo, meio e fim. Por causa do falatório em torno da obra sempre imaginei que o romance seria somente um cenário e que ele defenderia no mesmo somente as questões políticas e/ou sociais.

As caçadas são massadas, descrições extremamente detalhadas, poderiam ter sido puladas, poupadas, mesmo assim, é uma fuga do assunto? Pra que tanta linguça, não pode levar direto ao ponto, falar diretamente da fonte? Ritmo narrativo. Elementos chatos necessários para valorizar cenas glamorosas, envolventes e entusiastas. É preciso trabalhar a semana inteira para valorizar o fim de semana. Tempo seco que valoriza a tempestade. Quando veem os furacões estamos desatentos, despreparados. Golpe exato.

Minha leitura foi lenta. Há um esnobismo que me afasta, assusta. Ao mesmo tempo a ambiguidade me atrai, me isola dos outros. Fascinação. É uma pena ser tão discreto nos encontros amorosos. Releio em busca de detalhes. Será que ficaram nas entrelinhas?

07 meses para desvendar as oito partes em que o livro foi dividido.

É uma leitura boa para o frio, é para estar embaixo do edredon.

O calor me distrai, enerva e faz cair minha pressão.

Pensei que teria que pular partes (como já havia feito na leitura exaustiva de Moby Dick e Os miseráveis). Me interessa a construção da figura humana. Estava levando a leitura muito a sério, tentando ler até as entrelinhas quando meu marido, que me presenteou com o livro, disse: “encare como uma novela”

Adoro novela e são poucos os elementos imprescindíveis para me prender: um segredo bem guardado durante anos, traição e outros dramas familiares.

E essa mulher do século 19? Poderia acontecer hoje. É atemporal. Sigo familiar com as dúvidas, fraquezas e incertezas. É possível o perdão a traição? A pessoa, não o gênero, realmente perdoa?

Uma mulher que viaja sozinha. Pioneira. Acredito fielmente que não se trata somente da infidelidade feminina e sim em todas as direções, especialmente, a si mesma.

Efeito contraditório:

Stiva – aquele que trai a esposa com a governanta é admirado por sua “incontestável ho-

nestidade”!!! Um homem de negócios x um garoto quando repreendido pela esposa.

O rubor de Lievin como um tímido. Vida física e psicológica muito mais interessante. É o verdadeiro protagonista? Idealista e fiel a Kitty, voltamos a página 2, quando surgem suas incertezas. Todos os personagens são bem definidos até a página 2, movidos por incertezas. Nosso herói também é tentado pela desgraça. Será que alguma personalidade pode resistir a um romance inteiro. Há um padrão nos comportamentos? Todos decepcionam? A máscara sempre cai ou alguns passam ilesos?

Homens com um passado x Kitty: pura e inocente. Doença e fragilidade, quando adocece por amor. Libertação dos padrões. Meledicência nas rodas sociais. “Aquilo que não nos mata” “as mulheres são a hélice em torno da qual tudo gira”.

Vronski – compleição robusta, belo e bondoso, sereno e firme, simples e elegante, triunfante e modesto, sorriso franco e simples. O desbancamento do homem perfeito. Exímio até a página 2. No segundo encontro “pareceu estranho e ruim a Anna”. Move minha curiosidade. Leio me debatendo. Tipo de literatura que alimenta tais encontros românticos; eletricidade da pele. É disso que trata a “literatura feminina”? “Quem lê tanta notícia?”

Me interessa o modo do escritor conduzir minha empatia por Vronski e reduzir Aleksei a um mero coadjuvante. Entediante, inseguro e fraco; forte somente no campo profissional. É o primeiro a saber. Coragem extemporânea. Ousadia máxima: Ela sonha que OS DOIS são seu marido!!! Não é um romance sobre o amor mas da sua impossibilidade, sempre... habilidade fervorosa para descrever a mesma cena sob dois (ou mais) pontos de vista. Maestria. É o que faz de qualquer obra um clássico.

Tive que resistir para não lançar no google o nome dos personagens e descobrir as caras que o cinema lhes deu. Preguiça gigantesca para fantasiar, elaborar mentalmente a feição de cada um deles. É possível apaixonar-se em um dia? Transbordo nas perguntas.

Me divirto com a descrição das rendas e babados. Será que tinha uma mãozinha de sua esposa? Confundo autor e personagem. Ainda está no ar uma propaganda de TV em que o homem seleciona notícias numa tela virtual e a mulher prefere comprar sapatos? Novos tempos. Há ainda uma outra em que o suposto marido aparece sentado no sofá, vê TV degustando sua bebidinha e a mulher aparece ao fundo, na pia. Tolstói se alegraria ou se conformaria? Contra o casamento. Moderníssimo!!! E a descrição da cena do decote (com Lievin) hilarismos...nego a distinção de gêneros: todos sentem de forma superficial e/ou intensa.

Homens que conversam sobre economia, política e assuntos “sérios” enquanto as mulheres tratam questões caseiras, a vida dos filhos, bailes e roupas. Mesmo assim seleciono o grupo feminino. Senão pararia de pular as páginas. Ocupação com reformas de vestidos. São vulgares e/ou autênticas. Ordinárias? “Costuram camisolinhas” e “tricotam fraldas”, enquanto tecem o futuro de seus homens. Ousadas no questionamento da maternidade. Contemporâneas. São minhas vizinhas. Pequenas sentenças que denunciam o caráter do personagem: “...Anna, por meio de perguntas soube conduzi-lo para o assunto que mais o alegrava – o seu próprio suces-

so.”

A beleza feminina, detalhes das roupas, personalidades misteriosas e encantadoras. Estereótipos. “Este é o propósito da educação: fazer de tudo um prazer.” A mãe de Vronski teve muitos casos extraconjugais. Escândalo assumido.

“Nunca vi nem verei fascínio em criatura decaídas, e mulheres como a francesa maquiada na recepção do restaurante, com seus cachinhos, para mim são reptéis, e todas as decaídas são assim”. Após adaptações sou capaz de ouvir essa fala no início do século 21. O estereótipo sempre foi esse?

“A esposa envelhece enquanto você está repleto de vida. Num piscar de olhos, você se dá conta de que não pode mais amar sua esposa com amor, por mais que a estime.” Crítica e ou uma verdade do autor? Tenho medo de discernir. Anna não poderia se sentir inferior a Vronski.

Quando Anna apreze: vivacidade contida, voltar a cabeça para olhar de novo o cavalheiro, olhos brilhantes, sorriso imperceptível, passos ligeiros e decididos, graça e desenvoltura. Pistas falsas. A morte do homem na estação no momento em Anna e Vronsky se conhecem. Tragédia anunciada. Emocionante o trecho em que a falsa protagonista se compara a um personagem literário. Superioridade intelectual ou total descontentamento com sua vida regrada e previsível? Deveríamos ter um teaser para evitar tantos constrangimentos.

A primeira parte de mim ama e sofre junto com Anna, a outra parte vibra com sua derrocada. Preciosos venenos asquerosos e moralistas. Casamentos arranjados, conveniências. Um homem que não servisse para marido seria o mais desejado nas fantasias. Proibidas, porém ocultas. A mãe de Kitty que tentando influenciar a escolha da filha. Serpentes. Mesmo assim a elas cabe a caridade. Anseios femininos comparados aos masculinos. Total ausência de gêneros. Contratempos.

Elogio a tudo que é humano: desejo, inveja, cobiça, humilhação, desprezo, as dúvidas diante da ciência, da religião. Dúvidas sobre tudo que é humano.

Cinismo hilariante: “...só é possível dedicar-me ao amor quando isso não me faz chegar atrasado ao jogo de cartas...”

Imperdível!!!

Ter assuntos de reserva para a falta de assunto. Amanhã mesmo compro o meu caderninho.

LUCIMAR MUTARELLI (SÃO PAULO) - Escritora. Publicou: *Impessoal* (Ficção, Editacuja, 2009). Seus poemas foram publicados na coletânea da *Off-Flip* em 2010. Recentemente lançou seu novo livro: *Entre o trem e a plataforma*, pela editora Prumo, de São Paulo.